ISSN: 2358-8829

REPRESENTAÇÕES DO TRABALHO NA DOCÊNCIA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A SAÚDE MENTAL DOS PROFESSORES

Thanara Castro da Conceição [1]
Betânia Maria Oliveira de Amorim [2]

INTRODUÇÃO

"Trabalhe com o que ama e nunca mais você precisará trabalhar na vida!" Essa é uma frase que circula cotidianamente nas redes sociais e possibilita uma série de análises sobre como a categoria trabalho se modifica ao longo dos anos, de modo polissêmico nas diversas áreas da sociedade. Se pensarmos inicialmente na caça e na colheita no período da pré-história, pode-se observar como as noções de recompensa e força estão atreladas a categoria descrita, visto que a realização dessa tarefa era atribuída ao homem que detinha a responsabilidade de trazer o sustento para a casa e demonstrar sua virilidade. Por outro lado, tínhamos as mães de família que cuidavam dos seus filhos, lhes sendo atribuída a função de educadoras. Afinal, o amor pelo trabalho pode garantir prazer eterno a quem o realiza? Como a atividade laboral passou a ser associada ao afeto e ao prazer?

A ação de trabalhar ocupa um lugar social que não está associado apenas a um debate econômico, mas que envolve prestígio, questões de gêneros, eventos históricos e mudanças políticas. No quesito epistêmico, Lukács considera o trabalho como categoria fundante do ser social, como um momento predominante do salto da vida ao mundo dos homens (Lessa, 2015), ou seja, ocupa uma centralidade na existência humana que é mediada pelas relações que construímos ao longo da vida e as necessidades de ordem orgânicas que são intrínsecas ao homem. Há então uma complexidade, pois o trabalho que se realiza exige uma finalidade e uma causalidade que impulsionam o ser humano para problemáticas que não podem mais ser atendidas apenas pelo "complexo do trabalho" (Lessa, 2015, p.37) dando origem a novos tipos de dilemas individuais e sociais.

[1] Mestra pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), castrothanara@gmail.com;
[2] Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) betania.maria@professor.ufcg.edu.br;

ISSN: 2358-8829

As mudanças que ocorrem no campo econômico geram transformações na natureza e na qualidade dos processos de trabalho no decorrer da história, gerando algumas mudanças de paradigmas. Dito isso, conhecimento, comunicação e afeto desempenham um papel estrutural nos processos produtivos. Há categorias de serviços que exigem maior proximidade física de outras pessoas, uma presença constante e efetiva, caracterizadas como trabalho afetivo em que o cuidado e a imersão do corpo geram novas formas de comunidade e biopoder (Hardt, 2003).

No ano de 2022, em uma pesquisa realizada pelo portal Nova Escola em parceria com o Instituto Ame sua Mente, com mais de cinco mil educadores do Brasil, quando questionados sobre a saúde mental destacaram sentimentos intensos e frequentes de ansiedade, seguidos por cansaço excessivo e problemas com sono. Apesar de destacarem esses aspectos, apenas 7,1% dos participantes contam com ajuda médica ou psicológica. Há uma sobrecarga desses profissionais que demandam escuta, atenção e principalmente criação de espaços para partilha e estratégias de enfrentamento. Sendo assim, qual a especificidade do trabalho docente que o torna hoje um dos maiores referenciais de adoecimento psíquico?

Paulo Freire (2022) reafirma que a amorosidade e a afetividade são fatores básicos da vida humana e da educação, defendendo uma prática docente em que o ensino não se dê de forma rigorosa, fria nem mentirosamente neutra. Apesar desses fatores contribuírem para uma boa construção do campo educacional, eles não podem estar à margem da criticidade. Por isso, para que se obtenha uma prática como essa são necessárias condições de trabalho dignas, políticas públicas que assegurem os direitos trabalhistas desses docentes e modificações nas significações no que tange esse fazer.

Os estudos das Representações Sociais se inserem no campo da Psicologia Social, pois possuem como ponto de partida a investigação dos processos cognitivos e o modo como as pessoas compartilham o conhecimento no cotidiano. Jodelet (2001) denomina a representação como uma forma de conhecimento socialmente elaborado, que tem um objetivo prático e contribui para construção de uma realidade comum a um conjunto social. Dito isso, uma representação nunca se encerra no seu conceito, ela reverbera em práticas e transformações do conteúdo que tem caráter simbólico e afetivo. Ela é produto e processo (Moscovici, 1961), pois provém de um grupo e possibilita uma gama de perspectivas e desdobramentos do fenômeno compartilhado.

ISSN: 2358-8829

Percebe-se, então, que as representações podem sistematizar as interpretações que regem nossa relação com o mundo, orientando e organizando as condutas e comunicações sociais (Jodelet, 2001). A representação da docência para um grupo social só pode ser tomada como ponto de análise se essa for compartilhada e orientar algum tipo de ação, pois primeiramente precisa obter uma relação com aquele que dela fala. Desse modo, a docência entre os próprios professores pode exprimir diferenças, já que o modo como as relações acontecem nos diferentes modos de ensino podem modificar a percepção daquele fazer.

Dentro dos estudos de Abric (1998) destaca-se a Abordagem Estrutural das representações evidenciando que há um núcleo central e um sistema periférico constituinte da Representação Social. Assim, existe uma organização e uma estrutura constituída por informações, crenças, opiniões e atitudes que vão desenvolver papeis diversificados dentro das mais diversas práticas. No tocante ao núcleo central, ele é denominado como estável e resistente à mudanças, está mais relacionado com aspectos que são permeados ao longo da história na representação de um fenômeno, que no caso do nosso estudo é a docência. O sistema periférico por sua vez, permite uma "proteção" ao núcleo central, pois esse vai demonstrar a flexibilidade e os aspectos mais novos associados a tal fenômeno.

Como em todo processo de reconhecimento de algo, seja de cunho individual ou coletivo, o ser humano é afetado de muitas formas. O reconhecimento de um profissional não perpassa apenas pelo valor da remuneração do seu trabalho, mas também pelo espaço social e afetivo que ele ocupa nos cenários em que exerce o seu fazer. Nesse sentido, como a representação da docência pode apontar para diálogos sobre a saúde mental? Quais são as relações centrais e periféricas atreladas ao trabalho docente? No presente artigo pretende-se identificar possíveis relações entre as representações do trabalho e da docência e os desdobramentos que essas percepções geram no campo da saúde mental.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Caracterização da Pesquisa

ISSN: 2358-8829

Trata-se de uma pesquisa exploratória, descritiva e analítica de caráter qualitativo referenciada pelo aporte teórico das Representações sociais. Para Minayo (1992), a pesquisa qualitativa é também uma aproximação do pesquisador com o objeto de estudo, colaborando para investigar e analisar o fenômeno ao qual nos propomos a nos aprofundar enquanto aporte teórico e vivencial. Mediante ao exposto, é imprescindível que se esteja atento às dinâmicas daquilo que nos propomos a estudar, considerando suas particularidades, limites éticos e situando sua historicidade nas descrições e análises.

Lócus da pesquisa

O estudo foi realizado em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental localizada na cidade de Campina Grande – PB.

Amostra

O estudo contou com a participação de 12 professores que ministram aulas do 6º ao 9º ano, sendo que 9 mulheres e 3 homens. A faixa etária média variou entre 30 e 60 anos, com uma experiência profissional de 12 a 25 anos.

Instrumentos e análise dos dados

Para coleta dos dados, utilizou-se inicialmente a TALP (Técnica de Associação Livre de Palavras) (Apêndice 3), a fim de compreender o que surge no campo representacional dos docentes a partir das expressões indutoras: “O que vem a sua cabeça quando escuta a palavra TRABALHO?”, logo em seguida “O que vem a sua cabeça quando você escuta a palavra DOCÊNCIA? A TALP nos auxilia como um instrumento de pesquisa que permite evidenciar, a partir de diferentes estímulos, universos semânticos através dos universos comuns de palavras, evidenciando relações de atração e afastamento no campo representacional (Coutinho; Nóbrega; Araújo, 2011).

Após a TALP, para uma maior compreensão sobre a docência e seus desdobramentos para a saúde mental, realizamos uma entrevista semiestruturada (Apêndice 04), que é caracterizada por uma série de perguntas referentes a raiz da problemática, pensadas previamente, mas que podem ser alteradas pela entrevistadora a fim de permitir aprofundamentos sobre o objeto de pesquisa (Laville; Dione, 1999). A realização de entrevistas em estudos como o das representações sociais, por exemplo, possibilita a percepção de condições estruturais, sistemas de valores, normas e símbolos (Minayo, 1992).

Para tratamento dos dados utilizamos o IRAMUTEQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires), um software que permite vários tipos de análises textuais, dentre elas a CHD (Método de Classificação Hierárquica Descendente) "que classifica os segmentos de texto em função dos seus respectivos vocabulários" (Camargo; Justo, 2013, p.47) e a análise prototípica, desenvolvida especificamente pelo campo das representações sociais que tem como objetivo identificar a estrutura representacional a partir dos critérios de frequência e evocação.

A análise estatística da CHD é realizada através dos cruzamentos de matrizes dos segmentos de textos que são organizados em forma de representação gráfica como os dendrogramas que serão apresentados ao longo da discussão. A análise prototípica a seu modo, nos auxiliará com as evocações da TALP a partir da apresentação dos quadrantes que indicarão as dimensões das estruturas das representações sociais denominadas de: núcleo central, primeira periferia, segunda periferia e zona de contraste (Camargo; Justo, 2013) o que possibilitará a verificação do campo das palavras que estão associadas aos indutores "trabalho e docência".

Este estudo foi realizado considerando-se os aspectos éticos tendo sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-HUAC) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), segundo o parecer Nº 6.103.152, aprovado no dia 6 de Junho de 2023.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos corpora proporcionados pela TALP, foi possível gerar duas análises prototípicas a fim de estabelecer relações entre os dois termos indutores "TRABALHO"

e “DOCÊNCIA”. Os quadrantes apresentados, dentro do campo da análise das Representações Sociais proposto por Abric (2003) estão divididos em: Núcleo Central, em que estão descritas as palavras com alta frequência, a zona de primeira periferia que indica elementos secundários da representação, zona de segunda periferia em que traz aspectos menos interessantes para representação social do grupo em análise e a zona de contraste em que aparecem as palavras que foram evocadas em baixo número que podem representar complementos da primeira periferia ou ou elementos que são valorizados por um subgrupo, com a probabilidade de se tornar um núcleo central diferente.

Figura 1- Análise prototípica dos termos indutores TRABALHO e DOCÊNCIA

TRABALHO						**DOCÊNCIA**					
Núcleo Central			**Primeira Periferia**			**Núcleo Central**			**Primeira Periferia**		
F > 2,9 OME <2,52			F > 2,9 OME <2,52			F > 2,9 OME <2,52			F > 2,9 OME <2,52		
Evocações	**F**	**OME**	**Evocações**	**F**	**OME**	**Evocações**	**F**	**OME**	**Evocações**	**F**	**OME**
Compromisso *Responsabilidade*	5 4	2,4 2	*Cansaço* *Satisfação*	5 3		Amor	5	2,2	*Conhecimento* *Dedicação* *Aprendizagem* *Responsabilidade*	2 2 2 2	4,5 3 3 3
Zona de Contraste			**Segunda Periferia**			**Zona de Contraste**			**Segunda Periferia**		
F > 2,9 OME <2,52			F > 2,9 OME <2,52			F > 2,9 OME <2,52			F > 2,9 OME <2,52		
Evocações	**F**	**OME**	**Evocações**	**F**	**OME**	**Evocações**	**F**	**OME**	**Evocações**	**F**	**OME**
Finanças *Estresse* *Realização* *Prazer* *Capacitação*	2 2 2 2 2	1,5 2,5 1 1,5 2	*Resultados*	5	2,5	*Prazer* *Empatia*	2 2	1 1,5	*(0)*		

A imagem 1 apresenta o campo semântico dos termos TRABALHO e DOCÊNCIA. O termo indutor TRABALHO gerou palavras como compromisso e responsabilidade no núcleo central e a primeira periferia destacada pelo cansaço e satisfação. A nível inicial de resultados, percebeu-se o cenário de ambiguidades que

ISSN: 2358-8829

rondam um aspecto central elencado. Como segunda periferia, temos a palavra "resultados" com seu caráter complementar à primeira, o que corrobora para um campo representacional marcado pela objetividade, com substantivos que designam elementos indispensáveis para realização de um trabalho. Na zona de contraste, as palavras finanças, capacitação e estresse evidenciam mais uma vez um espaço multifacetado, permeado por muitas afetações. Há ainda que destacar a quantidade de elementos que ficam na última zona em destaque, em que dois pontos podem servir de norteadores para a continuidade da discussão: o tamanho da amostra e as divergências no campo representacional no grupo social entrevistado.

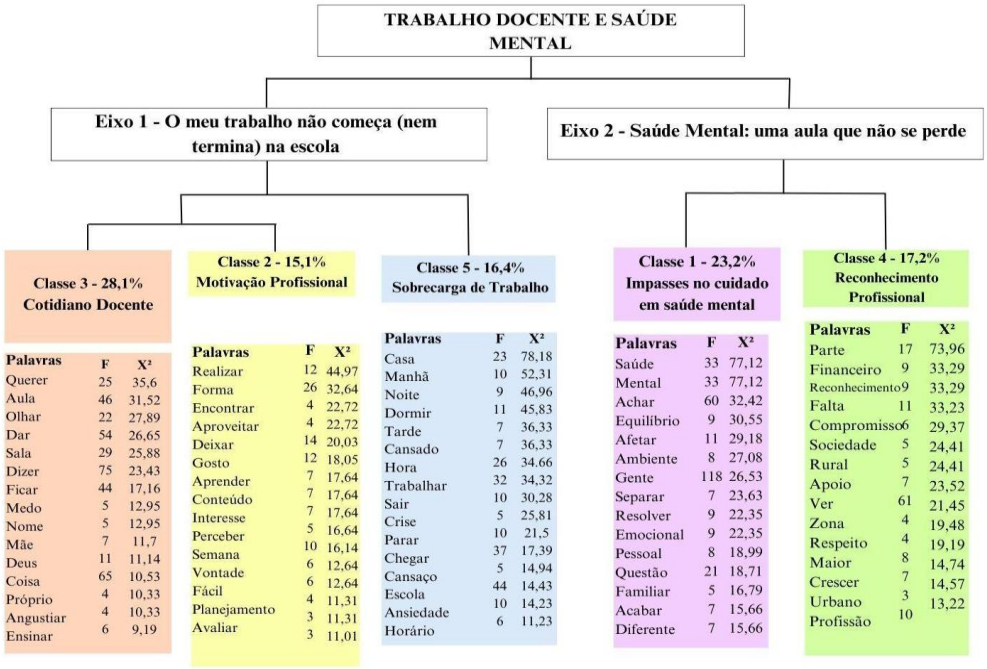
Nos quadrantes gerados a partir do termo indutor "DOCÊNCIA" têm-se como núcleo central a palavra "amor", aparece como elemento principal na descrição da representação que se associa ao processo de ser um professor ou uma professora, um elemento basilar. Para a primeira periferia, o conhecimento, a dedicação, aprendizagem e responsabilidade também circunscrevem a centralidade que esse amor ocupa. Dentro de um quadro comparativo inicial, a responsabilidade que adquire a centralidade no trabalho, agora complementa o amor na docência. Poderíamos pensar, ainda que de forma embrionária, que há na representação da docência algo que precede as características do trabalho no seu molde objetivo e tecnicista de ser? Como se dá essa conciliação?

Na zona de contraste, as palavras prazer e empatia aparecem com baixa frequência, seguidas de uma segunda periferia que não apresentou evocações em frequências relevantes o suficiente para comporem o quadrante. Temos ainda esse aspecto como um sinalizador que reforça a presença particular do "amor" no primeiro quadrante apontando que poucas coisas são necessárias quando esse elemento está como representante central no campo das representações.

A análise prototípica possibilitou um panorama geral sobre as representações do trabalho docente e possíveis comparações no campo do trabalho como categoria de estudo. Ao perceber as diferenças iniciais ao colocar o TRABALHO e a DOCÊNCIA em cenários separados, ainda que considerando o mesmo grupo social, obtivemos através da Classificações Hierárquicas Descendentes (CHD) as representações desse grupo no contexto da dinâmica de trabalho e o campo da saúde mental destacado principalmente em 3 aspectos: conciliação das demandas das atividades na escola e em casa, motivações profissionais, adoecimento mental e falta de apoio institucional.

ISSN: 2358-8829

Figura 2 - Dendrograma Trabalho Docente e Saúde Mental



As 12 entrevistas realizadas, quando tratadas no IRAMUTEQ, foram divididas em 454 segmentos de textos, dos quais 354 (84,58%) foram classificadas na CHD em 5 classes distintas. A classe 1 (23,2%) a qual denominamos de “Impasses do cuidado em saúde”, classe 2 (15,1%) “Motivação profissional” classe 3 (28,1%) “Cotidiano docente”, classe 4 (17,5%) “Reconhecimento profissional” classe 5 (16,4%) “Sobrecarga de trabalho”. Vale ressaltar que mediante as perguntas realizadas no processo de entrevista, buscou-se com as classes traçar um panorama da experiência docente e seus enlaces com a saúde mental.

A classe 1 está relacionada com as percepções e avaliações sobre a saúde mental enquanto um conceito e a autoavaliação de como se encontra a saúde mental dos docentes. Palavras como “equilíbrio”, “emocional” “resolver” estão associadas a capacidade de resolver os problemas, encontrar um equilíbrio nas coisas que realiza e ao desgaste emocional que a rotina por vezes causa. A classe 2 evidencia aspectos motivadores no exercício da docência, desde o processo de formação até o momento atual da profissão. Palavras como “interesse”, “gosto” “aprender” estão associadas ao que mobiliza esse docente no cotidiano escolar. A classe 3 destaca aspectos desse cotidiano, em que palavras como “olhar”, “aula”, “mãe” representam também quais os afetos perpassam esse

ISSN: 2358-8829

ambiente: o olhar do aluno, relatos de mães, ou até mesmo como se sentem enquanto figuras maternas e paternas do estudante.

A classe 4 enfatiza como se sentem em relação ao reconhecimento social da profissão e palavras como “financeiro”, “falta” “parte” representam a percepção da existência de questões de cunho salarial, no entanto reiteram que existe, ainda que em partes o reconhecimento do seu trabalho. A classe 5 é descrita por palavras que aparecem nos discursos sobre os aspectos de uma rotina exaustiva de trabalho. Dessa forma, “dormir” “crise” e “cansaço” são elementos que tornam evidentes a sobrecarga.

Em uma análise geral, mediante a disposição das classes apresentadas, foi possível destacar 2 grandes eixos denominados a partir dos contextos nos quais as palavras se inserem e se relacionam: o primeiro, composto pelas classes 2, 3 e 5 como “O meu trabalho não começa (nem termina) na escola” e o segundo composto pelas classes 1 e 4 chamado de “Saúde mental na docência: uma aula que não se perde”. Ambos se complementam ao considerarmos as questões de motivações profissionais, carga horária de trabalho e tensionamentos sobre o cuidado em saúde mental no ambiente escolar.

Ao discutirmos sobre a centralidade do trabalho na vida humana, buscamos ressaltar sobre o seu lugar de destaque. No entanto, esse é um ponto que precisa ser reajustado quando pensamos na contemporaneidade. Antunes (2005) destaca que é necessário acrescentar as transversalidades que dão sentido à forma social do trabalho nesse mundo, considerando-o juntamente com aspectos como precarização, gênero, corte geracional, qualificação, materialidade e imaterialidade. Há que se dialogar com a posição rígida que por vezes essa categoria ocupa, trazendo à tona novas significações que ele vai estabelecendo e se reconhecendo nas mais variadas esferas.

Quando buscamos compreender sobre a representação do trabalho para um grupo social de docentes, não se encontra apenas um resultado para inferência de causas e efeitos que isso pode gerar dentro do nosso campo de atuação, mas há, sobretudo, indicações sobre a dinamicidade e contradições que permeiam a compreensão de determinado fenômeno. Antunes (2005) reitera sobre os processos de fragmentação e heterogeneização das classes trabalhadoras, por exemplo, o que nos auxilia no processo de identificação das discrepâncias que aparecem nas zonas de contrastes em análise. Não se trata de extinguir as diferenças dentro do grupo, mas de perceber como essas discrepâncias de

representações podem contribuir para uma diversidade também de formas de operação e atuação.

Se tratando de representações sociais, dentre as suas funções podemos destacar o auxílio na compreensão da realidade, na orientação para as práticas sociais, formação e manutenção da identidade e na justificativa de comportamentos (Abric, 1998). Quer dizer, ao identificar o cansaço e a responsabilidade apontando uma centralidade ao falamos de trabalho, enquanto as finanças aparecem em zona de contraste podemos questionar como em tempos de focos em remuneração, aumento salarial e produtividade, esses aspectos ocupam um lugar secundário no processo de evocações.

Isso reitera a necessidade de situar o grupo social dentro do contexto no qual estamos inseridas. Se o trabalho enquanto categoria inicialmente diz respeito a uma ação, agir em prol de algo, realizar uma tarefa com intenção (Lessa, 2015), poderíamos considerar a palavra cansaço apenas na sua primeira periferia considerando como consequência da execução. No entanto, ao colocarmos a análise em lugar comparativo, não obtivemos o cansaço em proximidade com a docência, nem mesmo o estresse. Faz parecer que dentro desse campo representacional só existem condições para realizar o fenômeno, mas não há consequências disso. De forma mais explícita, para o trabalho, o cansaço, o estresse, as finanças, para a docência, o amor, o prazer e a empatia.

São fenômenos que não se distanciam, já que em termos de estudo o trabalho docente aparece de forma conjunta (Tardif e Lessard, 2005; Alves e Pinto, 2011; Da silva, 2019), considerando o seu lugar específico de categoria de análise e atuação. Trabalhar com o ensino. Vale ressaltar que há também transformações no que diz respeito a representação dos profissionais que atuam com esse fazer, já que por muito tempo foram considerados como sacerdotes do culto ao saber, a serviço do bem da humanidade (Gianotti, 2003), gerando uma série de estereótipos que corroboram para o ideal de que basta ser um vocacionado para dar aulas para realizar tal atividade.

Amor e prazer são palavras que aparecem como norteadoras para melhor percepção das ambiguidades que, juntamente com o estresse e o cansaço perpassam os quadrantes da análise prototípica, visto que o caráter multifacetado do trabalho possibilita que esse trabalhador e essa trabalhadora lidem com questões que estão para além dos muros das finanças e da capacitação. Dejours (2004) relata que o real do trabalho é aquilo

ISSN: 2358-8829

que resiste ao saber-fazer, que resiste à técnica e à experiência. Descreve dessa maneira, a fim de elucidar que há uma discrepância entre aquilo que se quer realizar e aquilo que se consegue. Assim, podemos vislumbrar que o amor enquanto sentimento que demonstra, sobretudo, um caráter familiar, traz com sua centralidade os desdobramentos que ainda parecem religiosos, de que ele tudo suporta e tudo crê, inclusive quando sobrepõe os desafios que aparecem como periféricos.

Na presente proposta de análise em que o fenômeno do trabalho dialoga com a docência, buscamos identificar como esse amor se desdobra no dia a dia desse docente. Se aparece como evocação central é porque dele, inicialmente, está baseada a prática desses profissionais ou se torna a principal referência. Na realidade de alguns participantes, ao elencar as palavras por nível de importância, ainda que o cansaço ou o estresse estivessem como primeiras evocações, o amor ganhava o seu lugar central. Quer dizer, essa relação de sofrimento e prazer no campo do trabalho se dá no "apesar de". Ainda que as condições por muitas vezes estejam desfavoráveis, existe algo que ultrapassa as questões meramente estruturais, como destaca Dejours (2008) trabalhar é mais que produzir, é transformar a si mesmo.

Ainda que o núcleo central aponte para o que de mais rígido e objetivo existe no campo da representação, precisamos dar ênfase à importância do sistema periférico na discussão. Abric (2001) ressalta que a periferia é mais flexível, adaptativa e integradora das experiências e histórias, além de tolerar a heterogeneidade do grupo. São aspectos que estão ao redor do núcleo central atribuindo as significações e possíveis mudanças. Para o trabalho, o cansaço, a satisfação e os resultados. Na docência, o conhecimento, a aprendizagem e responsabilidade. Percebe-se como a periferia do primeiro termo indutor se relaciona com palavras provenientes do mundo moderno em que o trabalho está atrelado à produtividade (Antunes e Alves, 2004). Para o segundo, encontram-se palavras que estão mais associadas ao processo de se tornar docente, relacionadas a compromisso e dedicação.

Na análise prototípica foi possível adentrar ao universo vocabular dos docentes para juntamente com as entrevistas compreender melhor como a rotina e experiência pessoal com o trabalho podem corroborar para desdobramentos da saúde mental. Identificou-se que quando colocados de forma separada, a docência não se destaca por aspectos de ordem financeira, por exemplo o que reverbera em questões de cunho

econômico em que muito se discute até hoje sobre precarização salarial. O produto do trabalho do professor, como formador de opinião, preparador do indivíduo para a vida é valorizado pela sociedade, no entanto ao falar sobre o trabalhador docente, as condições de cunho econômico não estão equivalentes (Borges, 2020).

Esses são aspectos que se relacionam quando se visualizam as classificações geradas e agrupadas pela CHD. Os dois grupos em que os contextos se aproximam, auxiliam para ampliação do discurso dicotômico que por vezes são reiterados, nos quais as nuances da docência estão diretamente proporcionais com os níveis de estresse e adoecimento. Como foi possível observar na análise prototípica, ao considerar um grupo social, não se trata de trabalhar uma homogeneidade, mas identificar como as diferenças o compõem e os aproximam no campo das representações. Sendo assim, o prazer, o amor, o estresse e as finanças se destacam quando desmembramos os discursos nas classes.

Na classe 2, denominada de "Motivação profissional" estão agrupadas palavras representativas sobre o que tem causado mobilização dentro do cotidiano docente (destacado pela classe 3), mas também o que permeia, para além disso, o dia a dia na sala de aula. Relatam sobre como o interesse dos alunos, a relação com os familiares, a forma de passar o conteúdo e a realização com o sucesso dos ex-alunos são fatores importantes para que se motivem e persistam diante das limitações diárias. Ocorre de maneira habitual nos discursos, o "apesar de", destacado dessa forma por uma professora: "apesar das dificuldades, de tudo…o que me move é a vontade de estar com a pessoa e de como eu fico feliz quando vejo um aluno que não sabia e depois diz ó professora, consegui!". São motivações relacionadas com devolutivas dos estudantes que, de maneira familiar, o inseriram no processo de aprendizagem e conquistas pessoais.

Em termos de devolutiva, a principal recompensa não é a de cunho financeiro, mas perpassa inicialmente pelo afeto, pelo "ser lembrada (o)". Essa característica recorrente na docência, tem relação com o trabalho afetivo destacado por Hardt (2003) em que o conhecimento e o afeto passam a desempenhar um papel estrutural nos processos produtivos, uma realidade presente na pós-modernização que corroboram com os questionamentos que Borges (2020) levanta acerca do produto do trabalhador docente, sobre o qual destina-se a função de produzir a educação. Em discursos como esse, o produto desse trabalho é a contribuição desse profissional na evolução desse estudante.

ISSN: 2358-8829

Desse modo, de modo social, o que ganha ênfase é o resultado, não necessariamente os desafios do processo.

Não se trata de desconsiderar o quanto a relação de professor-aluno demanda afetividade nos processos internos e externos à sala de aula. Contudo, se tratando da prática docente, busca-se situar dentro dos estudos das Representações Sociais, como essas percepções sobre o dia a dia do professor reverberam em práticas sociais e na identidade docente. Visando também ressaltar questões como: qual a relação de atribuir à docência o lugar do afeto e do cuidado quando se têm uma quantidade maior de pessoas do gênero feminino em atuação?

Na presente amostra, dentro de um grupo de 12 docentes, 9 são do sexo feminino. Em alguns momentos da entrevista enfatizavam a questão da maternidade como fator de aproximação ou de identificação na atuação do trabalho. Frases como “eu vivi isso, sou mãe” para retratar do cuidado que tem em pensar nos conteúdos que vai trabalhar em sala de aula; “porque o professor sempre foi pai, sempre foi mãe”, ao destacar das múltiplas funções que assume e “passei por isso como professora, mas passei por isso como mãe” ao relatar sobre a rotina cansativa durante a pandemia. Mediante o exposto, há também no cotidiano docente a dupla jornada feminina que está imbricada no processo histórico de feminização da docência.

No Brasil, desde o processo de escolarização já havia um projeto ditador de regras e valores para as mulheres que gostariam de atuar no magistério, um "abecedário moral” que indicava palavras como J de jeitosa, E de entendida do seu ofício, V de virtuosa e Z de zelosa (Monteiro; Gati, 2016). Todos esses valores reverberam nas práticas dessas mulheres em seu ambiente de trabalho, que em grande medida vão se tornando extensões do ambiente familiar, muito bem destacado na fala de uma professora “isso aqui me afeta muito, é uma linha muito colada, eu não consigo separar os lugares”, ao tratar de questões do trabalho que são levadas para o âmbito familiar.

No espaço escolar, essa discussão sobre gênero e docência ganha destaque para indicar como as relações de poder definem a divisão sexual do trabalho e a inserção das mulheres em profissões consideradas femininas (Vianna, 2002). Assim, além da dupla jornada de trabalho elencada pelas docentes, a função da professora foi socialmente construída para ser um lugar de cuidado, maleabilidade e atenção. Não se trata de

ISSN: 2358-8829

determinismos biológicos, em que muito se justifica a presença das mulheres nesses espaços, como se fossem predestinadas a lidarem com as condições ali oferecidas, é necessário compreender como as expressões da feminilidade e masculinidade referem-se a símbolos culturalmente disponíveis em uma dada organização social.

Esses símbolos aparecem em destaque na classe 5, denominada de "Sobrecarga de trabalho", em que as professoras relatam as horas de trabalho dentro de fora da escola, crises de ansiedade devido a quantidade de demandas e esgotamento emocional devido ao cansaço. Reiteram "me sinto realmente esgotada, cansada pelo excesso de trabalho" e "na pandemia eu tive crise de ansiedade e eu tive que ir para a terapia e tomar remédio pra dormir" destacando que além das demandas comuns do ambiente do trabalho, tiveram que lidar com as exigências e dificuldades do ensino remoto. São mulheres que dentro de mais um cenário de atuação passam de modos diferentes, por processos de sobrecarga e adoecimento.

Em uma das últimas pesquisas realizadas na Paraíba sobre a profissionalização do trabalho docente no ensino fundamental (Pontes; Firmino, 2011), destacou-se dentre as questões apresentadas, que a maioria das professoras entrevistadas retratam sobre assumirem uma jornada dupla de trabalho, pois ainda possuem os afazeres domésticos após o horário de serviço. Esse estresse físico e psicológico, em uma profissão majoritariamente feminina, recai sobre o alto percentual de mulheres adoecidas que chegam aos serviços públicos de saúde com demanda de cansaço e sofrimento (Zanello, 2018).

Como destacado anteriormente, as classes 2,3 e 5 que compõem a categoria do "Meu trabalho não começa (nem termina) na escola", dão indicativos de algumas realidades que permeiam esse cotidiano: um processo de familiarização, sobrecarga de trabalho e processos de adoecimento devido à exaustão. Alguns relatam estarem em constante tentativa de distanciar o que é da ordem do trabalho e da casa, no entanto ainda demonstram dificuldades, tendo em vista a quantidade de escolas que lecionam, cobranças institucionais, emocionais e utilização de ferramentas para que a função possa ser desempenhada.

Nos estudos sobre trabalho, tensionam sobre essa dificuldade de cisão entre o que é familiar e o que é pessoal. Atualmente, para que o trabalho tenha seu valor de utilidade

ISSN: 2358-8829

e que o trabalhador se sinta de fato hábil em seu fazer, Dejours (2012) ressalta que é necessário habitar pelo real, experienciar o sofrimento até não poder dormir a noite, até sonhar com essa experiência. Uma tentativa, ainda que inconsciente, de tornar a experiência do trabalho a força motriz da existência. Ao serem questionados sobre quantas horas trabalham por semana, a maioria significativa dos professores não conseguiram contabilizá-las, perguntavam "só aqui na escola?", considerando que as atividades extraturnos são uma realidade constante.

Diante de uma rotina como essa, da proximidade das relações entre professor e aluno e das motivações profissionais que estão inseridas nesse contexto, como podemos pensar os possíveis desdobramentos dessa realidade? Ao relatarem o cotidiano, sobretudo quando utiliza-se o arcabouço teórico das Representações a princípio de análise, os professores e professoras estão interpretando e imprimindo fatos a partir de uma gama de concepções, valores, atitudes, escolhas, mudanças educacionais e diferentes histórias da sua trajetória de vida (Castro, Maia; Alves-Mazzoti, 2013). Ao considerar as modificações que ocorrem diante da diversidade do grupo social, precisamos lidar com a multiplicidade de fatores que emergem de condições de trabalho como a da docência.

Ao serem questionados sobre como percebiam o reconhecimento social (classe 5) da profissão, a maioria relatou que o reconhecimento não vem da parte financeira, mas sim do *feedback* dos alunos. Uma professora destacou ainda: "tá muito longe de ter esse reconhecimento do ponto de vista do Brasil inteiro", o que complementa uma outra fala: "se eu for me limitar ao reconhecimento social, eu não trabalharia". Há então, uma discrepância no discurso social que de um lado exalta os heróis da educação e os coloca como indispensáveis agentes de transformação e do outro, ainda persiste em dificuldades, limitações e desvalorização.

Esse pode ser um dos desdobramentos do cotidiano docente perpassado por uma grande quantidade de afazeres, ao passo que ainda demonstra uma invisibilização no âmbito social elencada pelos próprios professores. Essa falta de reconhecimento não aponta apenas para questões de status profissional, ou mesmo um lugar de exclusividade, mas de garantir um aspecto que é muito importante dentro do campo do trabalho: a valorização profissional.

ISSN: 2358-8829

As classes 5 e 1 compõem a categoria intitulada “Saúde mental na docência: uma aula que não perde”, e chama a atenção para a relação que parece existir entre os aspectos de reconhecimento, compromisso e respeito com os impasses do cuidado em saúde (classe 1). Quando questionados sobre as possíveis relações entre ambiente de trabalho e a saúde mental, os docentes respondiam sobre como é difícil conciliar o “ser professor” para além das suas funções no espaço institucional, relatando que “às vezes se cobra demais, acho que poderiam cuidar mais da gente enquanto pessoa”, ou até mesmo “a gente tem que trabalhar com pais, com direção, com a questão salarial…que acaba nos levando a um desgaste tanto físico, como mental”. Diante do exposto, a temática da saúde mental no cenário da docência tem relação com uma diversidade de fatores que precisam se tornar pauta no ambiente escolar.

Percebe-se que a saúde aparece em seu caráter integral durante as entrevistas, em que há uma ênfase no cuidado para além do físico, o que já demonstra uma perspectiva diferente quando se trata da saúde do trabalhador. A forma dicotômica que sempre foi abordada a saúde física e mental privou por muito tempo a possibilidade de ampliação dessa discussão, até mesmo a aproximação da psicologia na visão integrada da saúde (Alves et al, 2017) em cenários como o educacional, por exemplo. Ainda há nas pesquisas atuais sobre saúde no trabalho, muitos aspectos voltados à questão ergonômica, postura no trabalho e movimentos repetitivos, que também são de extrema importância quando se fala em cuidado.

No entanto, ao pontuarmos sobre o cotidiano docente, as questões de saúde mental ganham evidência nos últimos anos. Os fatores são muitos: lidar com o estresse, ansiedade, emoções desagradáveis e ainda com as novas adaptações e realidades pós contexto pandêmico (Diniz et al, 2022). Nos primeiros 6 meses do ano de 2023, por exemplo, a rede estadual de São Paulo registrou um número de 112 profissionais da educação afastados por dia devido a transtornos e doenças psiquiátricas, como depressão, ansiedade e crise de pânico (Portal G1, 2023). Na pesquisa, os educadores questionam “Houve um tempo onde ser professor da educação pública era um motivo de grande orgulho. Hoje, não é verdade isso. O que fizemos como sociedade?”

Ainda que essa seja uma realidade da cidade de São Paulo, ela não se distancia das questões também levantadas pelos professores e professoras da cidade de Campina Grande que colaboraram com a atual pesquisa. Durante as entrevistas, também

ISSN: 2358-8829

destacaram que “a sociedade muitas vezes tenta nos reconhecer, mas eu não vejo isso efetivamente” relacionando a questão financeira e a falta de apoio das instituições ao tensionar sobre essa temática. Em termos mais amplos, alguns projetos já foram construídos para contemplar discussões como essa no espaço escolar, a exemplo do Saúde na escola, desenvolvido pelo Ministério da saúde visando a articulação com a educação e melhoria da qualidade de vida do corpo escolar.

Apesar do projeto em destaque ter como público-alvo os educadores, durante as entrevistas foi perceptível que a existência das possíveis ações idealizadas no documento ainda é mínima, visto que destacam em grande maioria que “falta apoio por parte das escolas”. No mês de Setembro de 2023, o Governo da Paraíba editou uma portaria para regulamentar a lei estadual (12.696/23) que cria o programa Saúde Mental para a comunidade escolar nas escolas públicas do Estado que contará com participação de profissionais da Psicologia e Assistência Social atuando com o foco na saúde emocional e integração família/escola/comunidade.

Essa parece ser uma boa iniciativa para pautar um cuidado em rede que de fato alcance toda a comunidade escolar, já que se percebe um maior movimento direcionado para os alunos. Esses projetos demonstram que não se trata mais da individualização de assuntos como esse, atualmente ele assume um caráter coletivo que torna necessário que as autoridades lancem mão para o entendimento acerca das motivações, causas e efeitos do cotidiano escolar ser hoje, um gerador de sofrimento para esses profissionais.

Uma aula que não se perde é uma aula cuja importância está para além de apenas marcar presença. Nesse sentido, o contexto de saúde mental precisa ser tratado como assunto recorrente nos ambientes escolares, assim como aparece em formas de diagnósticos nas pesquisas sobre o aumento de episódios depressivos (Micai e Fisher, 2015) ou da síndrome de burnout entre os professores (Ribeiro, 2022), eles precisam aparecer como pautas efetivas nas políticas educacionais e no cotidiano escolar. É necessária uma discussão sobre cuidado e saúde que não parta apenas do adoecimento.

Saúde mental dos docentes: um assunto para a escola?

Após a realização das entrevistas, de acordo com a proposta inicial da pesquisa, seriam construídas intervenções psicossociais que no nosso entender podem desempenhar um papel crucial na promoção do bem-estar emocional e no aprimoramento do próprio

ISSN: 2358-8829

ambiente que o perpassa (Afonso, 2011). As intervenções não puderam ser realizadas devido a uma gama de fatores, dentre eles a indisponibilidade de tempo no calendário escolar, dificuldades de acordo com a gestão e prazos para a conclusão da atual pesquisa.

Durante as entrevistas, ao serem questionados sobre contribuições da escola no cuidado em saúde mental, relataram sobre a possibilidade de construção de grupos, reuniões de equipe, momentos de lazer nos intervalos e criação de espaços de compartilhamento de falas. Apontaram que "responder essas perguntas já é uma forma de que podemos ter um apoio maior" em relação a esse tipo de cuidado. Visto isso, momentos específicos construídos para diálogo sobre as rotinas, processos de adoecimento, distribuição de carga horária e conflitos interpessoais aparecem como demandas reais e necessárias a serem levantadas dentro da escola.

Na tentativa de darmos início a alguns espaços como esse, realizamos uma dinâmica intitulada "Quem sou eu nessa teia?" que se referia ao funcionamento e interconexão de elementos em um sistema, se aproximando ao formato de uma teia de aranha, onde cada fio está interligado e ao mesmo tempo, influencia o todo. Foi possível dialogar com as professoras (nesse dia o grupo estava formado apenas por mulheres) sobre o que elas conseguiam resgatar e verbalizar para além da identidade docente.

Fizemos a dinâmica da teia utilizando um barbante que precisava ser lançado para a outra participante e assim que chegasse até a sua mão, poderia dizer o nome, tempo de profissão e completar a frase "sou professora e…". Essa dinâmica foi construída a partir das demandas que apareceram nas entrevistas, na qual os docentes relataram a dificuldade de separar as questões familiares, das questões do trabalho e do desvencilhamento das demandas que o tempo todo pairam sobre a responsabilidade de ser e estar professora.

Durante o momento de partilha, apareceram frases muito simbólicas, como "Eu sou uma mulher, preciso me cuidar, me amar, desfrutar da vida" e também "Não quero me aposentar, não sei o que fazer sem ser uma professora", além da recorrência de falas relacionadas a falta de momentos como esses para que as mesmas pudessem falar de si, compartilhar sobre a vida pessoal, ter momentos de troca e de cuidado, como a colocada por uma integrante: "As ações na escola são muito voltadas ao alunos, e quem cuida do professor?"

ISSN: 2358-8829

As profissionais conseguiram expressar suas emoções, destacar coisas que gostavam de fazer além de dar aulas, resgatar memórias sobre problemas familiares que estavam passando e tratar com ludicidade a identificação que tinham umas com as outras sobre as atividades de lazer que tinham afinidade. Em um dado momento, uma delas proferiu “Tô aqui há 10 anos e nunca me perguntaram o que eu sou além de professora”. Parece haver juntamente com a formação docente um processo de transformar-se no que se forma, em que todas as funções agora são dadas a partir do lugar da docência, onde não há mais espaço para ser apenas quem se é/quer além do ofício.

Falas como a dessa professora reiteram discursos que são construídos ao longo da história sobre a identidade docente. Como elencado no decorrer do presente trabalho, a docência reúne processos de cunho subjetivo e familiares que ainda permeiam o lugar de “vocacionados”. Nesse sentido, Moraes (2008) descreve que a identidade docente é construída mediante processos de autorreflexão e de auto-regulação, nos quais o produto é, ao mesmo tempo, causa e causante daquilo que produz, em que o ser, está absolutamente incorporado no fazer.

Em termos de planejamento, esse seria um encontro inicial para construirmos as próximas intervenções, a fim de trabalhar questões sobre saúde emocional, conflitos interpessoais e identidade. A impossibilidade de realização dessas atividades, ainda que com as justificativas de falta de tempo para tais, nos sinaliza sobre o papel da escola nesse debate. Muitas pesquisas apontadas ao longo do texto, descrevem o aumento no índice de adoecimento psíquico, criação de projetos para cuidado em saúde mental e decretos estaduais. No entanto, há que se questionar: para que servem os levantamentos desses dados? Qual a efetivação desses projetos Federais que visam colocar a saúde emocional em pauta? A realidade escolar aqui descrita, ainda que seja um recorte social, aponta para a relutância ainda existente de modelos enrijecidos do contexto educacional.

Para que possa ser realizada a parte interventiva da problemática em destaque, há que se potencializar o debate em rede sobre a importância e necessidade da criação desses espaços e principalmente da garantia desse cuidado em saúde. Enquanto aos docentes estiver destinada apenas a tarefa de “garantir a aprendizagem dos alunos” não será possível inserir efetivamente professores e professoras dentro do campo da saúde do trabalhador. Campo este que considera o trabalho como um fenômeno iminente nas condições de saúde e subjetividade desse indivíduo.

ISSN: 2358-8829

O presente trabalho teve como objetivo identificar e analisar as representações sociais do trabalho e da docência e os desdobramentos para saúde mental de docentes. A partir dos dados evidenciados é possível inferir que algumas características do campo do trabalho divergem do campo da docência em termos de representações, sendo a docência associada diretamente a afetos, maneiras de lidar, processo de formação e motivações pessoais. No entanto, ao representarem o trabalho, associa-se ainda a um campo tecnicista, de ordem produtiva e geradora de resultados.

No que diz respeito aos desdobramentos das representações, percebe-se como a prática docente ainda está muito vinculada a um âmbito familiar, em que as relações estão muito presumidas de uma extensão familiar em que o professor assume diversos papeis. Diante dessa familiaridade, os profissionais relatam dificuldade em fazer essa separação, tanto de atividades que se estendem para o âmbito familiar, quanto dos problemas que ocorrem no campo institucional. Relatam ainda que as motivações que os mantém estão relacionadas com o reconhecimento do aluno com o seu trabalho. Trabalho aqui relacionado a dimensão de realizar algo a partir de uma intencionalidade. Há que se pensar que a maneira que eles lidam com o cenário escolar, reverbera nas questões pessoais que estão associadas com o campo da saúde.

Sobrecarga de trabalho, alta carga horária, reconhecimento social e financeiro aparecem como ancoragens das representações sobre a docência, sendo aquilo que permeia o fenômeno e está em associação com as demandas de saúde mental que objetivou-se analisar. Quanto a discussão dessas questões no cenário escolar, os profissionais relataram que ainda há muito pouco e menor ainda o índice de ações efetivas que podem ser desenvolvidas para que questões de adoecimento mental sejam amenizadas.

Além disso, foi possível observar como ainda há uma cultura escolar em que o foco está no ensino e aprendizagem nos métodos clássicos, em que o papel do professor e sua importância estão relacionados a qualidade da aula, o repasse de conteúdos e a construção de metodologias para que o aluno obtenha um bom desempenho. Pouco se discute sobre como as condições de saúde mental em que esses professores desenvolvem suas atividades estão diretamente relacionadas a qualidade desse trabalho, já que muitos começam a apresentar limitações devido ao cansaço, estresse e falta de apoio e entendimento por parte das gestões.

ISSN: 2358-8829

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo identificar e analisar as representações sociais do trabalho e da docência e os desdobramentos para saúde mental de docentes. A partir dos dados evidenciados é possível inferir que algumas características do campo do trabalho divergem do campo da docência em termos de representações, sendo a docência associada diretamente a afetos, maneiras de lidar, processo de formação e motivações pessoais. No entanto, ao representarem o trabalho, associa-se ainda a um campo tecnicista, de ordem produtiva e geradora de resultados.

No que diz respeito aos desdobramentos das representações, percebe-se como a prática docente ainda está muito vinculada a um âmbito familiar, em que as relações estão muito presumidas de uma extensão familiar em que o professor assume diversos papeis. Diante dessa familiaridade, os profissionais relatam dificuldade em fazer essa separação, tanto de atividades que se estendem para o âmbito familiar, quanto dos problemas que ocorrem no campo institucional. Relatam ainda que as motivações que os mantém estão relacionadas com o reconhecimento do aluno com o seu trabalho. Trabalho aqui relacionado a dimensão de realizar algo a partir de uma intencionalidade. Há que se pensar que a maneira que eles lidam com o cenário escolar, reverbera nas questões pessoais que estão associadas com o campo da saúde.

Sobrecarga de trabalho, alta carga horária, reconhecimento social e financeiro aparecem como ancoragens das representações sobre a docência, sendo aquilo que permeia o fenômeno e está em associação com as demandas de saúde mental que objetivou-se analisar. Quanto a discussão dessas questões no cenário escolar, os profissionais relataram que ainda há muito pouco e menor ainda o índice de ações efetivas que podem ser desenvolvidas para que questões de adoecimento mental sejam amenizadas.

Além disso, foi possível observar como ainda há uma cultura escolar em que o foco está no ensino e aprendizagem nos métodos clássicos, em que o papel do professor e sua importância estão relacionados a qualidade da aula, o repasse de conteúdos e a construção de metodologias para que o aluno obtenha um bom desempenho. Pouco se discute sobre como as condições de saúde mental em que esses professores desenvolvem suas atividades estão diretamente relacionadas a qualidade desse trabalho, já que muitos

começam a apresentar limitações devido ao cansaço, estresse e falta de apoio e entendimento por parte das gestões.

REFERÊNCIAS

ABRIC, Jean-Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. **Estudos interdisciplinares de representação social**, v. 2, n. 1998, p. 27-38, 1998.

ABRIC, Jean-Claude. **A structural approach to social representations.** 2001.

ABRIC, Jean-Claude. La recherche du noyau central et de la zone muette des représentations sociales. **Méthodes d'étude des représentations sociales**, v. 296, 2003.

AFONSO, Maria Lucia Miranda. Notas sobre sujeito e autonomia na intervenção psicossocial. **Psicologia em revista**, v. 17, n. 3, p. 445-464, 2011.

ALVES, Railda et al. Atualidades sobre a psicologia da saúde e a realidade Brasileira. **Psicologia, Saúde e Doenças**, v. 18, n. 2, p. 545-555, 2017.

ALVES, Thiago; PINTO, José Marcelino de Rezende. Remuneração e características do trabalho docente no Brasil: um aporte. **Cadernos de pesquisa**, v. 41, n. 143, p. 606-639, 2011.

ANTUNES, Ricardo. O caracol e sua concha. **São Paulo: Boitempo**, 2005.

ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educação & Sociedade**, v. 25, p. 335-351, 2004.

CAMARGO, Brigido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013.

CASTRO, Monica Rabello de; MAIA, Helenice; ALVES-MAZZOTTI, Alda-Judith. Representações sociais do trabalho docente: um olhar sobre a subjetividade do professor em sala de aula. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 10, n. 22, p. 150-177, 2013.

COUTINHO, Maria da Penha Lima; NÓBREGA, Sheika Maia.; ARAÚJO, Leonardo Sales. Software Trideux: uma ferramenta metodológica aplicada ao campo de pesquisas em representações sociais. **Métodos de pesquisa em psicologia social: perspectivas qualitativas e quantitativas. João Pessoa: UFPB**, p. 107-47, 2011.

DA SILVA, Amanda Moreira. A uberização do trabalho docente no Brasil: uma tendência de precarização no século XXI. **Revista Trabalho Necessário**, v. 17, n. 34, p. 229-251, 2019.

DEJOURS, Cristophe. Addendum: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: Lancman, Selma, Sznelwar, Laerte Idal (Orgs.). **Christophe Dejours: da psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho.** Brasília: Paralelo 15, 2008.

DEJOURS, Cristophe. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**. São Paulo, v.14, n.3, p.27-34, 2004

DINIZ, Larissa Felix et al. Reflexões sobre o ensino remoto emergencial e saúde mental de professores da rede pública. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 7, p. e35111730201-e35111730201, 2022.

GATI, Hajnalka Halász; MONTEIRO, Ivanilde Alves. Educação e docência feminina no Brasil do Século XIX: avanços e desafios. **Cadernos de História da Educação**, v. 15, n. 3, p. 1146, 2016.

GIANOTTII, José Arthur. (2003, 25 maio). Feiticeiros do saber. Folha de São Paulo, Caderno Mais, p. 10-11.

HARDT, Michael. O trabalho afetivo. **Cadernos de subjetividade**, n. 11, p. 143-158, 2003.

JESUS, Cleber; MELLO, Zelda. **112 professores são afastados por dia em SP por problemas de saúde mental; aumento de 15% em 2023.** São Paulo: G1; TV Globo, 2023. Disponível em: 112 professores são afastados por dia em SP por problemas de saúde mental; aumento de 15% em 2023 | São Paulo | G1 (globo.com)

JODELET, Denise et al. As representações sociais. **Rio de janeiro: Eduerj**, p. 17-44, 2001.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. A construção do saber. **Belo Horizonte: UFMG**, v. 340, p. 1990, 1999.

MORAES, Maria Cândida. Ecologia dos saberes: Transdisciplinaridade, complexidade e educação. **São Paulo: ProLíbera Editora: Antakarana/WHH-Willis Harman House**, 2008.

MOSCOVICI, Serge. A psicanálise, sua imagem e seu público. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. (Trabalho original publicado em 1961).

NUNES, Angélica; CERQUEIRA, Laerte. **Governo regulamenta programa de apoio à saúde mental nas escolas públicas da Paraíba.** Paraíba: Jornal da Paraíba, 2023. Disponível em: **Governo regulamenta programa de apoio à saúde mental nas escolas públicas da Paraíba (jornaldaparaiba.com.br)**. Acesso em: 04 de Outubro de 2023.

RIBEIRO, Beatriz et al. **Síndrome de Burnout em uma amostra de professores brasileiros.** 2022.

VIANNA, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos pagu,** p. 81-103, 2002.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Editora Appris, 2018.